

O que é a verdade?

O astrofísico e divulgador de ciência norte-americano Carl Sagan, no seu excelente livro *O Mundo Infestado de Demónios*, disse que, se um cientista for chamado a tribunal e lhe for pedido que “jure dizer a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade” está perante um difícil dilema: ou jura e vai cometer perjúrio, porque ninguém, evidentemente, pode dizer “toda a verdade”, ou não jura e está a desobedecer à intimação judicial.

O que é a verdade? O sentido desta palavra varia de uma maneira tao grande conforme se tenha um contexto especializado, científico, jurídico, religioso, ou simplesmente um contexto de senso comum e quotidiano, que não será arriscado afirmar que há tantas verdades conforme as pessoas que invocam a palavra e, portanto, que não há nenhuma verdade (será esta uma metaverdade?). Os filósofos, esses incansáveis procuradores de significados, têm ao longo dos tempos procurado definir verdade sem eles próprios chegarem a um consenso alargado.

No entanto, os cientistas estão de acordo sobre muitas coisas a que podemos de facto chamar «verdades». Ouve-se muitas vezes dizer que a ciência é a procura da verdade. Como podem os cientistas procurar, e mesmo encontrar, uma coisa tão indefinida, tão ambígua e evasiva? De facto, a ciência não será tanto a procura da verdade, mas mais a procura da mentira! Cada ramo da ciência — e eles são tantos... — persegue objetivos tão distintos, servindo-se de metodologias tão diversas, que se torna difícil enunciar um elemento comum a todos. Para alguns sociólogos, a ciência será apenas a atividade desenvolvida pelos autointitulados cientistas, uma definição evidentemente tautológica. Mas os filósofos da ciência — os filósofos que procuram identificar o significado de ciência — concordam, em geral, com o seu colega austríaco Karl Popper quando afirma que a ciência é a procura da mentira, do erro, da inconsistência. Os cientistas procuram mostrar que estão errados: passam a vida à procura de erros, seus ou dos outros.

Sob a égide desta fuga ao erro podem unir-se disciplinas tão díspares como a matemática (onde o erro é a falta de lógica), a física, a química e a biologia (onde o

erro é a falta de concordância com a observação ou a experiência) e as ciências humanas (onde o erro pode ser a falta de coerência interna ou externa). Esta última expressão — ciências humanas — pode ser criticada uma vez que todas as ciências são humanas na medida em que todas elas são feitas pelo e para o homem. Errar é humano, diziam os antigos Latinos. Mas errar muito é inumano. Errar cada vez menos é a tentativa humana dos praticantes das várias ciências. Ao que resta, depois de descartado o erro mais óbvio, podemos, provisoriamente, chamar verdade. Um traço caracterizador da ciência que se revela indispensável no processo de descoberta do erro é a sua abertura. A ciência fechada, oculta, não é ciência. A ciência consegue sê-lo, descobrir os seus erros passados e assentar as suas verdades provisórias apenas na medida em que é comunicada. Um erro passa facilmente despercebido a dois olhos ou a dois hemisférios cerebrais, mas quatro olhos veem mais do que dois e quatro hemisférios pensam mais do que dois ... Os cientistas formam uma comunidade à escala do planeta que partilha o reconhecimento de erros e que, por isso, está permanentemente num estado de alerta crítico perante toda a informação que recolhem da natureza e uns dos outros.

Dito isto sobre a ciência, torna-se fácil falar de pseudociência. Pseudociência, ou falsa ciência, é tudo o que pretende passar por ciência, talvez na tentativa de obter o prestígio e o reconhecimento de que a ciência goza, mas não é de facto ciência. E não é ciência porque não reconhece de forma permanente e inequívoca a existência de eventuais erros. Um cientista procura sempre saber se está enganado (se está, fica contente quando deixa de estar). Um pseudocientista, se esta designação faz algum sentido como profissão, não admite que se engana e não procura por isso o erro (mas costuma ficar irritado quando lhe apontam o dislate). As atividades pseudocientíficas são numerosas no mundo de hoje: exemplos são a numerologia, a astrologia, a radiestesia, a alquimia, a quiromancia, etc., etc. Há até quem leia o futuro nas borras do café, tendo esse ofício não só uma designação específica, como uma comunidade de adeptos. São mais as pseudociências que as ciências.

Fonte: adaptado, FIOLEAIS, Carlos, *A coisa mais preciosa que temos*, Gradiva, 2005, Lisboa